Cenas da Cidade Migrante

Scenes from the Migrant City

Fernanda Ozório da Conceição
UNIVILLE
feozorio@gmail.com

Aliuscha de Jesus Martins
UNIVILLE
aliuscha@hotmail.com

Resumo: Memórias do Jardim Sofia: Cenas da Cidade Migrante foi um projeto de extensão desenvolvido por professores e estudantes dos cursos de História e Design da Universidade da Região de Joinville, junto a moradores do Jardim Sofia – Joinville, em 2010. O bairro pena com problemas crônicos, que povoam as narrativas dos moradores. Algumas dessas narrativas compuseram um documentário que pretendeu ser uma ferramenta à reinterpretação da História do Tempo Presente em Joinville. O desafio foi transformar o audiovisual em ponto de partida para escapar de "verdadeiras" histórias, assim como propor interlocuções criativas entre o campo da história e estudos sobre cinema.
Palavras-chave: Memória, Cidade, Documentário, Joinville, Jardim Sofia.

Abstract: Memories of Sophia Gardens: Scenes from the Migrant City was an extension project developed by teachers and students of History and Design at the University of Joinville Region, along with residents of Jardim Sofia - Joinville in 2010. The neighborhood with chronic pain, who populate the stories of the residents. Some of these narratives composed a documentary that claimed to be a tool to reinterpret the history of the Present Time in Joinville. The challenge was to transform the visual point from which to escape from "real" stories, and to propose creative dialogues between the fields of history and film studies.
Keywords: Memory, City, Documentary, Joinville, Jardim Sofia.

> Decidi então tomar como guia de minha nova análise a atração que eu sentia por certas fotos. Pois pelo menos dessa atração eu estava certo.
> Roland Barthes, em *A câmara clara*.

> A historiografia exige o exercitar da imaginação, da capacidade de estabelecer conexões entre os estilhaços do passado, de preencher as lacunas entre os eventos, necessita do exercício da capacidade de ficcionalizar, de intuir articulações naquilo que só nos chega em pedaços.
> Durval Muniz de Albuquerque Jr., em *O Tecelão dos Tempos.*

Essas reflexões que se seguem aspiram versar sobre as experiências que dimanam das atividades de pesquisa e extensão desenvolvidas de acordo com as propostas do projeto "Memórias do Jardim Sofia: Cenas da Cidade Migrante" ao longo do ano de 2010 por professores/as e estudantes dos cursos de história e design da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE – no bairro Jardim Sofia, região periférica da mesma cidade. Há que se pontuar aqui, a tamanha dificuldade em se relatar o resultado produzido a partir de tantos esforços e significativas contribuições. As linhas, humildemente, apresentadas neste texto também não foram escritas de maneira solitária, mas, compartilhadas por duas pesquisadoras encantadas com as possibilidades que emergiram desta atividade, tanto enlevo nem poderia passar desapercebido. Nesse sentido, nossa saudação e agradecimento à equipe e a todas as pessoas que fizeram este projeto.

No que tange ao processo de formação acadêmica, o exercício da extensão seduz pela sua capacidade de propor situações onde seja possível articular a produção intelectual com operações práticas, operações estas que são produtoras de experiências singulares à medida que proporcionam a prática da interdisciplinaridade, o convívio do trabalho coletivo e, sobretudo, a expansão de nossas reflexões, conflitando-as com os desafios de se fazer a cidade. Já no tocante à interação social, as práticas extensionistas possibilitam a democratização do saber, a partilha de teorias e do trabalho criativo para além das fronteiras da universidade, demonstrando, assim, o efetivo valor da produção do conhecimento. Verdadeiramente honesto salientar que as relações aqui destacadas e vividas a partir deste projeto não são relações unilaterais, as potencialidades da extensão se fundamentam justamente na capacidade de transformar estas relações em relações de troca, assim, quase como uma via de sentido duplo, invalidando velhas crenças reducionistas que afirmam o conhecimento como uma qualidade exclusiva do espaço acadêmico. Estar na rua não significou prioritariamente ensinar, mas, especialmente, aprender.

Este projeto contou com a colaboração de um grupo preocupado em problematizar o fazer das cidades contemporâneas a partir de diferentes olhares e diferentes entradas e teve como resultado a produção de alguns materiais complementares que possibilitam e, até mesmo, incentivam o manejo no espaço escolar, assim sendo, foram produzidos um livro publicado pela editora da UNIVILLE, um vídeo documentário, um banco de dados aonde se possa acessar todas as fontes construídas e reunidas e que renderam o trabalho de pesquisa e

um site[1], aonde foi possível compartilhar algumas produções. Ambos reúnem boa parte das reflexões do grupo e do esforço em produzir algumas narrativas dos moradores do bairro sobre o Jardim Sofia que permitissem e provocassem novas considerações sobre os ensaios do tempo presente na cidade de Joinville, bem como, subtraídas as especificidades, de outros tantos cenários urbanos.

Do desenrolar da teia

A produção destas narrativas foi possível a partir da realização de seis oficinas no bairro com, basicamente, dois públicos diferentes: estudantes da EEB Senador Rodrigo Lobo e também com o grupo da melhor idade Cantinho da Amizade. A primeira oficina – Teia da Memória do Bairro Jardim Sofia – possibilitou debater com os estudantes do 9º ano da escola Senador Rodrigo Lobo, a importância da memória para o conhecimento da história do bairro. Este encontro propunha aos estudantes que apontassem um lugar no bairro e descrevessem sua importância. A oficina II – Fotografia como um lugar de memória – foi também realizada com estudantes do 9ª ano da mesma escola estimulando-os a procurarem antigos moradores do bairro para entrevistá-los e coletar com estes, antigas fotos do Jardim Sofia, percebendo, assim, a fotografia como um lugar de memória. A terceira oficina realizada na mesma escola – Jardim Sofia: Imagens e Memória - contou com a participação de alunos do ensino fundamental (do 6º ao 9º ano) e tinha como objetivo perceber a relação entre história, memória e meio ambiente e também refletir sobre a paisagem como um documento histórico. Nesta etapa, foram distribuídas fotografias de diferentes espaços da cidade aos estudantes para que estes elaborassem, em equipe, uma história sobre a cena e o cenário capturado pela fotografia para enfim apresentar aos colegas. Depois os mesmos estudantes foram à campo produzir fotografias sobre o bairro que pudessem também documentar as transformações ambientais no lugar A quarta oficina – Jardim Sofia – lazer e sociabilidades - contou com a participação de diversos moradores do bairro e foi realizada durante o "Dia do Adolescente" promovido por meio de uma parceria entre a escola Senador Rodrigo Lobo, o Conselho Local de Saúde e a Unidade Sanitária do Jardim Sofia e nos permitiu entrevistar alguns moradores do bairro sobre lugares e práticas de lazer cotidianos. A oficina V – Histórias, imagens e

[1]Endereço do site: http://www.wix.com/projetosofia/univille

memórias – contou com a presença do Grupo da Melhor Idade Cantinho da Amizade, reunido no galpão da Igreja Cristo Bom Pastor. Na oportunidade, o grupo de senhoras cuidadosamente escolheu fotografias que registrassem acontecimentos importantes em suas vidas e compartilharam, a partir delas, algumas de suas memórias sobre o bairro. A última oficina – Jardim Sofia – imagem-tempo – procedeu com a participação de alunos da 4ª série do ensino fundamental da EEB Senador Rodrigo Lobo com o intuito de produzir narrativas que articulassem a história do bairro com o Rio do Braço. Esta oficina dividiu a turma em duas grandes equipes, a primeira delas ficou na escola e produziu jogos de tabuleiros que tematizassem as transformações ambientais no bairro. A outra equipe andou pelo bairro e entrevistou alguns de seus conhecidos moradores, produzindo materiais audiovisuais que, posteriormente, serviram para compor o vídeo documentário do projeto.

As oficinas estrelavam a memória como palco onde os relatos se desenrolavam e eram despertados pelo exercício de lembrar e, muito especialmente, pelo desejo de contar histórias. Histórias que eram conhecidas, compartilhadas, que foram vividas ou sofridas, alegres ou não, na rua, no rio, na escola ou no barranco, carinhosamente, recordadas, sentidas lembranças. Recordar é viver, é pertencer! Estimular o ato de referir em tão variadas gerações nos sensibilizou a perceber as distintas e possíveis relações com um bairro, com um pedaço, com uma vizinhança, com uma comunidade, com uma cidade. Possibilitou incitar, questionar o sentimento de se fazer parte, de ser constituinte e se enxergar como convivente, como integrante de um local, de um grupo. O sentimento de pertencimento é promotor do desejo de partilha, da harmonia e do cuidado, é o que transforma um lugar num lar.

Conhecer, analisar e registrar fatos, acontecimentos e processos históricos é ofício, velho conhecido, de historiadores desde a antiguidade clássica. Michel de Certeau, brilhantemente, nos incita a indagar o que fabrica o historiador quando faz história? E sua perspicácia nos leva a perceber que historiadores fabricam o passado a partir de suas ferramentas, significam as realizações do passado, em suma, nos alerta para o fato de que a historiografia é uma operação. O compromisso do historiador é, portanto, com o que já aconteceu, com um tempo passado, assim nos parece à primeira vista. Mas e quando seu desejo e curiosidade se transfiguram? E quando o objeto de seu trabalho e de pesquisa passa a ser os eventos, os conflitos e as questões do tempo presente? Pois bem, quando o debate sobre a história do tempo presente vem à tona, há quem se apresse em dizer que toda história é uma história do tempo presente já que, todo historiador olha e descreve o mundo, conforme

observa Hobsbawn, a partir de "seu próprio tempo de vida, um poleiro particular a partir do qual pode sondar o mundo." (HOBSBAWN, 2002). Todavia, não se trata, exatamente, desta discussão, mas sim, de empenhar-se em pensar o presente a partir dos postulados teóricos da ciência histórica, de se fabricar história e produzir versões sobre o que acontece, sobre o que ainda vive, é atribuir sentidos ao próprio tempo. Marc Bloch nos enriquece, "o que é, com efeito, o presente? No infinito da duração, um ponto minúsculo e que foge incessantemente; um instante que mal nasce morre. Mal falei, mal agi e minhas palavras e meus atos naufragam no reino da memória." (BLOCH, 2002) Mas, é possível que perguntem, como e porque tematizar o que é tão fugaz? Ou ainda, como se debruçar sobre um passado que é ainda presente? Como é possível que o trabalho de um historiador opere sobre um tempo do qual não possui distâncias, e do qual é contemporâneo? Quanto a esta relação é Giorgio Agambem quem nos ilumina, afinal de contas, o que é o contemporâneo? Para ele, a contemporaneidade é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, toma distâncias. Em suas palavras: "pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este." O que não destoa, parece ser apenas um produto da história. Nesse sentido, historiografar o tempo presente só é possível quando a este somos desconexos, ou melhor, quando a este somos estranhos. O que importa, genuinamente, não é atentar-se ao que é claro e visível a todos/as, mas, principalmente, ao que é escuro, é conseguir ver a obscuridade de seu próprio tempo. O exercício de problematizar a história do tempo presente exprimi desafios diferentes de se operar o tempo que passou e do qual não fomos partícipes, trata-se, pois, de "uma história [...] na qual o historiador investiga um tempo que é o seu próprio tempo com testemunhas vivas e com uma memória que pode ser a sua." (ROUSSO, 2009) Que se pese nesta análise o problema que emerge do trabalho com o tempo presente, haja vista que, não se pode deixar de ponderar a prematuridade da análise do historiador que ainda não sofreu o efeito dos tempos sobre sua perspectiva. Quanto a este embate, Hobsbawn nos aponta que "na medida em que o começo da compreensão histórica é uma apreciação da alteridade do passado e, o pior pecado dos historiadores é a anacronia, dispomos de uma vantagem inerente para compensar nossas muitas desvantagens." (HOBSBAWN, 2002)

O bairro Jardim Sofia, fica localizado na região norte de Joinville, uma região periférica, que tem como principais vizinhos, o aeroporto, a zona industrial e a universidade, três grandes símbolos do desenvolvimento e do progresso, no entanto, o bairro parece não

integrar esta paisagem já que apresenta, assim, grandes problemas de infra-estrutura, grandes níveis de pobreza e desassistência.

Um fragmento, um pedaço...

O que é um bairro? Uma porção de terra? Um espaço de chão, delimitado? Como conhecê-lo? O antropólogo Guilherme Cantor Magnani (2002) foi de grande importância para traçarmos esta compreensão. Ele entende o bairro como um "pedaço" que combina, principalmente, duas características que se aliam mutuamente: seu conjunto espacial e seu conjunto sociocultural. O exercício de caminhar pelo bairro, de se perder por ele foi de grande utilidade para percebermos e nos familiarizarmos com seu conjunto espacial, ou seja, com sua paisagem, seus contornos, suas edificações, ruas, seus comércios e suas instalações por onde circulam seus moradores e demais transeuntes. A escola, o posto de saúde, a igreja, o campinho de futebol, a lan house e tantos outros espaços de convívio que fazem o bairro cotidianamente. No entanto, não há como pensar o bairro somente como uma divisão territorial e um conjunto de edificações que delimitam sua paisagem, alheio a seus moradores. É necessário, portanto, estar atento ao elemento sociocultural, ou seja, às representações, às vivências e ao modo como as pessoas se apropriam deste espaço. Essas informações não são alcançadas se a pesquisa se restringir aos arquivos e informações "oficiais" do bairro. Por exemplo, ao consultarmos um mapa do bairro, o que ali figura como apenas mais um terreno baldio, para seus moradores, este pode ser um espaço de lazer, um campo de futebol, um espaço onde as crianças soltam pipas, onde os animais circulam. As pessoas significam o lugar e podem subverter a lógica de um espaço, muitas vezes pensado e arquitetado por quem não faz uso dele.

Durante a pesquisa nos acervos da cidade, muito especialmente, entre as matérias de jornais, nos deparamos com um bairro "violento", um espaço "hostil" dificilmente reconhecido como doméstico. Estas informações se contrapõem à maneira como seus moradores, ao longo de nossas atividades, foram descrevendo o bairro. Dna. Nair nos salienta que o Jardim Sofia é um lugar muito bom de morar, tranqüilo e sossegado. Ela nos revela que, quando ali chegou, não havia muito, faltava a igreja, o ponto de ônibus e o mercado, mas que, aos poucos, as pessoas foram construindo e transformando a situação, ou seja, em resumo,

dna. Nair nos ensina uma grande lição, é ela quem nos mostra como o espaço apresenta inúmeras marcas das ações de seus atores sociais.

Imagem e "verdade"

As discussões geradas nas oficinas e entrevistas do Projeto Sofia abriram um hiato em convicções de como podemos produzir a escrita e o audiovisual das fontes históricas, como escolhemos determinadas cenas, porquê fomos em busca de narrativas orais para descobrir o bairro e algumas pessoas que nelas vivem. Estamos em fase de adaptação na linguagem audiovisual e, assim como na escrita, é necessário decodificar códigos para a leitura das imagens que nem sempre falam por si.

Se pensarmos nas primeiras experiências cinematógráficas, nas primeiras multidões que tiveram contato com a experiência do cinema, talvez possamos entender como funciona esta prótese da sociedade (BUCK-MORSS. 2009). Era a "massa" tendo como experiência assistir a si mesma na tela. Hoje temos exemplos da nossa experiência imagética da guerra pela televisão. Se nunca fomos à guerra, como podemos saber de tantas imagens angustiantes por ela causadas? Com explicamos o crescente número de "celebridades" via o canal Youtube? Ou ainda, como entender as novas tecnologias servindo de ferramenta para revoltas populares em diversos países?

Combinando estas linguagens contemporâneas e atentando para as diferentes realidades culturais nos cenários pesquisados, nos deixamos levar pelas imagens e sons numa tentativa de entender quais tipos de paisagens visuais e sonoras existiam e os signos correspondentes, ou não, do lugar. O processo de edição do documentário foi, de certa forma, caótico e acidental. Editar era aprender a editar. Deparamos desprecavidos com wmv's, avi's, mpg's e vob's. Conhecemos um mundo que permanecera submerso até então: o da burocracia técnica infinita que é exigida antes de se chegar a um resultado que parecerá simples quando concluído. Cada passo era permeado de dúvida e entusiasmo.

Parte das imagens foi gravada pelas crianças, e a edição final não distinguiu-as daquelas feitas pela equipe do projeto. As crianças, portanto, assinam a obra acabada. O olhar um tanto "virgem" delas apontou a câmera para diversos tipos de situações, algumas sob roteiro e outras não. Duas das cenas imprevistas foram a da cadela acariciada pelas crianças e

a dos passeios pelo quintal da escola. Mas para quem as crianças apresentavam a cadela e a escola? Com certeza não filmaram como filmariam adultos, que tendem a "profissionalizar" essas coisas. A câmera para as crianças era um brinquedo despretensioso, e poderia parecer que filmavam sem achar que a câmera guardaria as imagens e que depois as pessoas assistiriam. Elas explicavam para a câmera como se fosse a um brinquedo recém comprado, que precisa ser apresentado à nova casa. Nessas cenas, temos então o ponto de vista desse brinquedo.

Segundo Ismail Xavier, a experiência nos ajudou a revelar mundos, "a alma dos objetos, o ritmo das multidões, a linguagem secreta das coisas mudas". Ou seja, proporcionou imergir de outras maneiras pelos espaços do bairro, explorar ângulos, planos, fabricar imagens e narrativas que pudessem existir na zona de tensão entre o que é evidência, suas representações e intencionalidades tanto no bairro quanto nas percepções imagéticas do fazer documental.

> A tensão entre subjetividade e objetividade, impressão e testemunho, intervenção estética e registro documental, marca as fontes históricas de natureza audiovisual e musical. Não raro o historiador – sobretudo aquele mais treinado para a análise das fontes escritas e que passa a se aventurar nas fontes audiovisuais e musicais – ficar um tanto indeciso entre a análise das fontes em si, tomadas como texto documental auto-suficiente, ou cortejá-las com informações históricas que lhes são extrínsecas, deixando que o contexto determine o sentido do texto. (NAPOLITANO, 2005. p. 237)

Uma das perguntas que nos fizemos ao longo do projeto foi sobre o sentido dado às narrativas e paisagens do bairro Sofia. Sabemos que nosso conteúdo, nossas imagens, não correspondiam à "verdadeira" história do bairro. Procuramos preservar, até onde fosse possível, a subjetividade das situações. E enquanto *flâneurs* nas ruas do bairro, por acaso encontramos uma senhora de bicicleta. Com ela conversamos sobre a rua, que estava em obras. Depois de alguns instantes, e à medida em que uma certa intimidade acontecia na conversa, ela olhou para um dos membros do projeto e disse que ele a fazia lembrar do filho falecido havia pouco tempo. Isso nos pegou desprevenidos. De alguma forma aquela imagem nos pungiu assim como a Barthes ao falar do retrato de sua mãe (que talvez nunca tenha existido). Deixamos esta senhora de fora da edição.

Tomamos como referência para nossas reflexões dois documentários. O primeiro foi *Por favor, vote em mim* (2007), de Weijun Chen, que coloca a discussão sobre democracia em

prática numa sala de aula de 3ª série na China. A ideia, com a análise do filme, foi tocar no limiar da ficção e do real. O filme nos desafiou a pensar de modo mais cuidadoso a performance das diferenças culturais que habitam o cotidiano escolar. Foi considerando as proposições e as maneiras pelas quais esse documentário registra algumas das cenas e cenários da cultura escolar que decidimos promover uma oficina de memória com a 4ª série do ensino fundamental da EEB Senador Rodrigo Lobo.

Qual dimensão estética nos aponta que o documentário é a evidência da realidade e a ficção um devaneio? O segundo documentário, *Santiago* (2006), de João Moreira Salles, contribuiu para elaborarmos melhor esta (des)construção das imagens. O diretor é figura onipresente que, a todo instante, explica-nos como escolheu e manuseou um conjunto de fontes (orais, escritos, imagens). O filme inspirou-nos a pensar sobre quais lugares seriam ocupados por nós no material audiovisual que estávamos a produzir: em que medida a nossa voz poderia ser ouvida na polifonia dos depoimentos que selecionamos para compor na tela a história do Jardim Sofia?

> Não pretendo afirmar que o documentário auto-reflexivo representa um ápice ou uma solução. Entretanto, é um ponto culminante na evolução de alternativas que, no presente contexto histórico, parecem menos problemáticas do que as estratégias do comentário fora-de-campo, do cinema direto, ou da entrevista. Como suas antecessoras, essas novas formas podem parecer mais "naturais" ou até mesmo mais "realistas" por algum tempo, mas o sucesso de cada nova forma engendra sua própria decadência: ela limita, omite, nega, reprime (assim como representa). Com o tempo, novas necessidades geram novas invenções formais. (NICHOLS, 2005, p.49)

O mais importante em *Por favor, vote em mim* e *Santiago* foi justamente a auto-reflexão e experimentação das histórias e das imagens. Em ambos os documentários vemos não só um testemunho social, como também uma espécie questionamento de suas próprias histórias. Essas zonas heterotópicas, encontradas em vários discursos sobre as cidades e que se intercruzam, tiveram uma dimensão estruturante para pensarmos uma Joinville contemporânea.

A partir daí, o que entendemos deste documentário no campo da história? Cenas da Cidade Migrante tentou ser um documentário sobre alguns pedaços, algumas narrativas sobre o bairro Jardim Sofia. Complicado foi resumir todos esses pensamentos e decupá-los. Fizemos avaliações constantes em encontros pelas redes sociais, que também fizeram parte da

construção de outras linguagens em nossos estudos ao longo do projeto Sofia. Desenvolvemos aos poucos, com empreendimento nas novas tecologias, a capacidade técnica para que as propostas se encontrassem, de certa forma, com os suportes – blog, site, grupo de discussão e twitter – e conversassem entre si, com coerência de discurssos e conteúdos, e possibilitando uma comunicação heterogênea para construir e divulgar todo o processo. Ainda que apoiados em documentos e referências que de alguma forma "comprovavam" nossa versão dos acontecimentos – pesquisamos em lugares como Arquivo Histórico de Joinville, Ippuj e Laboratório de História Oral da Univille –, a ideia foi tornar todo o material e informações sobre o bairro Jardim Sofia mais contemporâneos, sem entrar num discurso moderno.

Alguns desses caminhos foram acertados quando já nos víamos no campo de pesquisa, enquanto outros nos tiraram da zona de conforto. São essas percepções que procuramos discutir, pela relevância dessas experiências aos estudos históricos deste tempo. Uma das experiências nas oficinas que tivemos no Jardim Sofia, foi com o Grupo da Melhor Idade Cantinho da Amizade. Como nas demais oficinas, tínhamos objetivos e propostas a serem cumpridos com as quarenta e nove senhoras do grupo. Tivemos algumas intervenções ao longo da oficina – inclusive um político em campanha prometendo o espaço de convivência no bairro, conforme o desejo daquelas senhoras. Num determinado momento, elas interromperam nossa equipe para continuar sua rotina (o sorteio que elas haviam preparado e o café coletivo).

> Em todo caso, as recentes aparições de estratégias auto-reflexivas correspondem, expressamente, a deficiências na tentativa de converter práticas da antropologia escrita, de cunho marcadamente ideológico, numa agenda prescritiva para a antropologia visual (neutralidade, descritividade, objetividade, "ater-se aos fatos" e assim por diante). (NICHOLS. 2005. p.67)

Bill Nichols advertiu-nos sobre as ciladas de transformar narrativas e experiências históricas complexas e fugidias em registros fílmicos estabilizados, harmônicos e lineares. Sob esta perspectiva, onde pretendemos estimular o sentimento de pertencimento, ou não, ao bairro Jardim Sofia, assim como valorizar excertos de memória advindos das pessoas que, cotidianamente, inventam/enunciam o seu próprio pedaço. Pensamos em estimular também a percepção de que o bairro, bem como a cidade, é uma produção de sentido advinda das vivências daqueles que o habitam. Para isso, as moradoras escolheram fotos pessoais e histórias para nos contar e depois continuaram sua tarde planejada. Repensamos toda a edição

e rumo da pesquisa ao entender o que havia se passado naquela tarde.

> Hoje em dia, há sempre um cameraman por perto – e precisamos refletir sobre este fenômeno representativo de uma circularidade: é na nossa tela que esperamos pelo acontecimento, ele só será acontecimento quando o tivermos visto; os cameraman estão aí para criar o acontecimento, para filmá-lo, de forma que o vejamos. (SORLIN. 1994. p.86)

Do fabricar

Historiar é lidar com fragmentos que nos chegam com versões do passado, reivindicações políticas, narrativas dramáticas e sonhos, pluralidades temporais, nostalgias, silêncios. Ainda certos de que muitas histórias tenham ficado de fora dos enquadramentos que fizemos, não foi nossa intenção fazer a impossível tarefa da história total.

Cabe, por fim, ressaltar a enorme gratidão com as experiências tão intensas que foram sentidas ao longo do projeto, no seu modo provocativo de pensar o fazer da cidade, nossa relação com ela, de acessar e produzir conhecimento tanto para o processo de formação acadêmica, quanto para o ensaio de se viver para além dos muros da universidade. Fazer o projeto Sofia significou produzir uma confluência de novos aprendizados, no convívio com a equipe, nos debates teóricos, com as oficinas e trabalhos no bairro, na interface com o uso de novas tecnologias e possibilidades de se produzir historicidades. O que fica continua em nosso projeto de docência, nos acompanha a partir de agora a ousadia de propor, de se permitir experimentar o fazer da história e não, tão somente, o contato com ela, e isto é feito aos pedaços.

Referências

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. O Tecelão dos Tempos: o historiador como artesão das temporalidades. Revista Eletrônica Boletim do TEMPO, Ano 4, Nº19, Rio, 2009.

BARTHES, Rolland. A câmara clara: nota sobre a fotografia. Tradução Júlio Castañon

Guimarães. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1984.

BLOCH, Marc. Apologia da história ou o ofício do historiador. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BUCK-MORSS, Susan. A tela do cinema como prótese de percepção. Tradução de Ana Luiza Andrade. Coleção PARRHESIA, 2009.

CERTEAU, Michel. A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

HOBSBAWN, Eric. O presente como história. In: ___. Sobre história. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MAGNANI, Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

NAPOLITANO, Marcos. A história depois do papel. In: Fontes Históricas. PINSKY, Carla Bessanezi (org.). São Paulo. Contexto, 2005. P. 235-289

NICHOLS, Bill. A voz do documentário. In: Teoria contemporânea do cinema. Vol II. Fernão Pessoa Ramos (orgs.). São Paulo. Senac, 2005.

ROUSSO, Henry. Sobre a História do Tempo Presente: entrevista com o historiador Henry Rousso. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 201-216, jan./jun. 2009.

SORLIN, Pierre. Indispensáveis e enganosas, as imagens, testemunhas da história. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1994, p. 81-95.

XAVIER, Ismail (org.). A experiência do cinema. Coleção arte e cultura, vol. 5. Rio de Janeiro, Editora Graal: Embrafilme, 1983. pág. 84.

Filmografia

SANTIAGO. Gênero: Documentário Diretor: João Moreira Salles Duração: 80 minutos País: Brasil. Áudio: Português Lançamento: 2006.

POR FAVOR, VOTE EM MIM. Gênero: Documentário Diretor: Weijun Chen Duração: 49 minutos Países: China/Dinamarca Áudio: Chinês Legenda: Inglês Lançamento: 2007.